

Vir às bancas, ver as cidades: percursos em ancoragens nas bancas (de jornal?)

Come to newsstands, see the city: routes in anchorages on stands (of newspaper?)

DANIEL MACÊDO

Doutor em Comunicação e Sociabilidades Contemporâneas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Email: daniel.3macedo@gmail.com

RAFAEL ANDRADE

Doutor em Comunicação e Sociabilidades Contemporâneas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Email: aos.rafael@gmail.com

RESUMO

Ao caminhar pelas ruas de centros urbanos, confrontamos bancas que, apesar de resguardarem o complemento 'de jornal', adaptaram-se às tensões do contexto espaço-temporal em que estão inseridas; ampliando, assim, a oferta de produtos e serviços como condição de (sobre)vivência. A partir da disposição ao consumo de elementos diversos, as bancas nos incitam a interrupção do fluxo urbano para experiências em ancoragem nas ambiências comunicacionais que com ela se enredam. Neste artigo, retomamos um experimento teórico-metodológico em deambulação a partir de percursos entre bancas em Fortaleza para refletir sobre as relações nutridas com o espaço. A partir das observações, investimos na discussão sobre ancoragens para considerarmos os hiatos praticados pelas bancas e pelos agentes que com ela se envolvem em meio a ambiências em constante movimento.

Palavras-chave: Banca de jornal; ancoragem; deambulação; ambiência comunicacional; Fortaleza.

ABSTRACT

When walking through the streets of urban centres, we encounter newsstands that, despite retaining the word "newspaper" in their name, have adapted to the tensions of the space-time context in which they operate, thus expanding their range of products and services as a condition for survival. Based on the willingness to consume diverse elements, newsstands encourage us to interrupt the urban flow for experiences anchored in the communicational environments that are intertwined with them. In this article, we revisit a theoretical-methodological experiment in wandering through routes between newsstands in Fortaleza to reflect on the relationships nurtured with space. Based on our observations, we engage in a discussion about anchors to consider the gaps practised by the stalls and the agents involved with them amid constantly changing environments.

Keywords: Newsstand; anchoring; wandering; communication ambience; Fortaleza

INTRODUÇÃO

Ao andar pelas ruas e galerias de centros urbanos, somos confrontados por estruturas metálicas comumente nomeada por 'bancas' que exibem signos de atualidade: ora marcados nas publicações de impressos jornalísticos; ora em itens de consumo – de toda ordem – que urgem na demanda dos transeuntes e das relações nutridas em uma dada espacialidade. Ainda que existam uniformizações pelas regulações municipais que designam a função comercial e que pareçam as mesmas pela estrutura similar em meio às paisagens das cidades, elas se modificam em razão dos contextos e ambientes em que estão inseridas; ao passo em que também tensionam as lógicas e as dinâmicas sociais de um dado lugar (Leal e Macêdo, 2023).

As bancas, em meio às particularidades constituintes que as (re)elaboram, constroem - e são construídas por - "ambiências" comunicacionais, que, nos termos de Andrade *et al* (2023, p. 141), são "conjuntos de condições, relações e interações sociais, econômicas e culturais que as rodeiam e influenciam a partir de suas inscrições espaço-temporais". Essas ambiências nos permitem ver as tensões que compõem e que engendram uma espacialidade em meio a fluxos instáveis de pessoas, tempos e espaços. Ali, em meio aos deslocamentos nas cidades, não há pretensões a fixar-se como algo imóvel porque "o espaço urbano em que as bancas se situam é fragmentado, não existe uma linha que conduza um destino certo às conversações iniciadas em um ponto" como observa Cláudia Fonseca (2008, p. 130).

Abertas ao transitório, as bancas entram tensões entre as práticas cotidianas, as dinâmicas de consumo, as regulamentações dos espaços e as agências manejadas por quem faz as cidades em palcos mutáveis e as bancas em ambiências sujeitas a modificações constantes. Diversas bancas coexistem e se integram ao frenesi de uma capital sem, no entanto, fazerem-se idênticas ou substituíveis uma pela outra. Para além de tomar as bancas como dados integrantes das cidades, é justo questionar o "superficial" que nelas é visível, como faz Fonseca (2008, p. 81). Se uma mirada passageira entre os quiosques convoca signos de mesmice em razão das aparentes similaridades, é justo desestabilizar pretensas homogeneizações para devir as heterogeneidades que constituem as bancas e que por elas são constituídas. E, talvez, uma caminhada, uma parada e uma conversa possam ampliar os sentidos desses fenômenos comunicativos para além da visão, contribuindo para adicionar outras camadas significativas e outras formas de conhecer o ambiente que nos rodeia.

Como parte de um experimento teórico-metodológico, nos propomos a realizar percursos urbanos entre bancas para realizar leituras e discussões com as ambiências comunicacionais que nos envolvíamos. Para isso, dialogamos com Milton Santos (2001, p. 79) que nos propõe ler "os embates entre os diversos atores" e "os movimentos de fundo da sociedade" a partir

de experiências nos lugares, observando as relações horizontais e verticais – e as tensões entre elas – como dimensões fundamentais e estruturantes de cada composição espacial. Estes elementos se tornam particularmente importantes quando, a partir deles, admitimos que multidimensionalidades aos acontecimentos se configuram (LEAL; MACÊDO 2024).

Sem planejamento prévio e textualizando a experiência com imagens fotográficas e com palavras para compor relatos, as caminhadas se faziam com abertura para desnaturalizar as significações e as impressões prévias para devir outras percepções. Trata-se de pôr em prática uma mirada catastrófica em diálogo com Bruno Leal e Itania Gomes (2020, p. 44) na medida em que este é um gesto para diluir as convenções atribuídas ao cotidiano e para emergir outras visadas até então despercebidas. Nisto, vir às bancas com ímpeto questionador é colocar as pacificações das superfícies urbanas em catástrofes para devir relações diversas que as (des) amparam e, nisto, ver outras cidades. E, deste modo, pensar: se não necessariamente mais de “jornais”, são bancas de quê? Que produtos, serviços e dinâmicas de consumo são exercidas entre agentes neste entreposto em meio a um percurso urbano?

Para exercitarmos miradas catastróficas diante das bancas, nos permitimos caminhar por espaços urbanos, encontrá-las e com elas nos envolvermos a partir das qualidades de relação possíveis em cada caso. Como parte de um percurso praticado por pesquisadores^[1] em sete estados brasileiros, retomávamos acúmulos sobre percursos urbanos como práticas de conhecimento (CAIAFA, 2007; CARERI, 2013; INGOLD, 2015; FERNANDES, 2016) para propormos um experimento teórico-metodológico que, posteriormente, acumulamos como “passadas catastróficas” (MACÊDO et al, 2023) ao notarmos tanto as destabilizações possíveis com as experiências, quanto o contraste que se produzia entre as memórias acionadas sobre bancas e o que nos confrontava quando estávamos ali, naquele momento, notando suas mudanças no presente em que vivemos.

A esquia a um roteiro pré-definido e o encontro com as bancas como parte dos fluxos cotidianos posicionavam nosso experimento como uma deambulação que, diferente da amplitude de uma caminhada – que pode ser esquematizada – assume seu caráter impreciso, instável e adaptativo às emergências do que se vive. Deambular, aqui, assume envergadura epistêmica – descobrindo ou desvelando – sobre os meandros da cidade ao considerarmos os afetos e as relações que se erguem sob a instabilidade das ruas e dos percursos, como discutem Leal et al (2022) ao nos provocarem a despir-nos das lógicas modernas para ver as ranhuras, as instabilidades e os percalços possíveis ao caminhar.

Neste artigo, nos debruçamos sobre percursos no centro de Fortaleza em 04 de novembro de 2021. A experiência, possível a um dos autores, foi retomada a partir dos relatos verbovisuais para mobilizar reflexões a respeito dos processos de aproximação e de distanciamento com

as bancas avistadas ao longo do percurso; aflorando, com isso, nossos distintos repertórios sobre a cidade e nossas experiências específicas ao deambularmos entre bancas. Nesta jornada, consideramos as bancas localizadas na Praça da Igreja do Carmo, na esquina entre as ruas Barão do Rio Branco e D. Pedro I, na Praça da Justiça e na Praça do Ferreira – representadas, respectivamente, por pinos rosa, vermelho, azul e verde no mapa a seguir (Figura1).

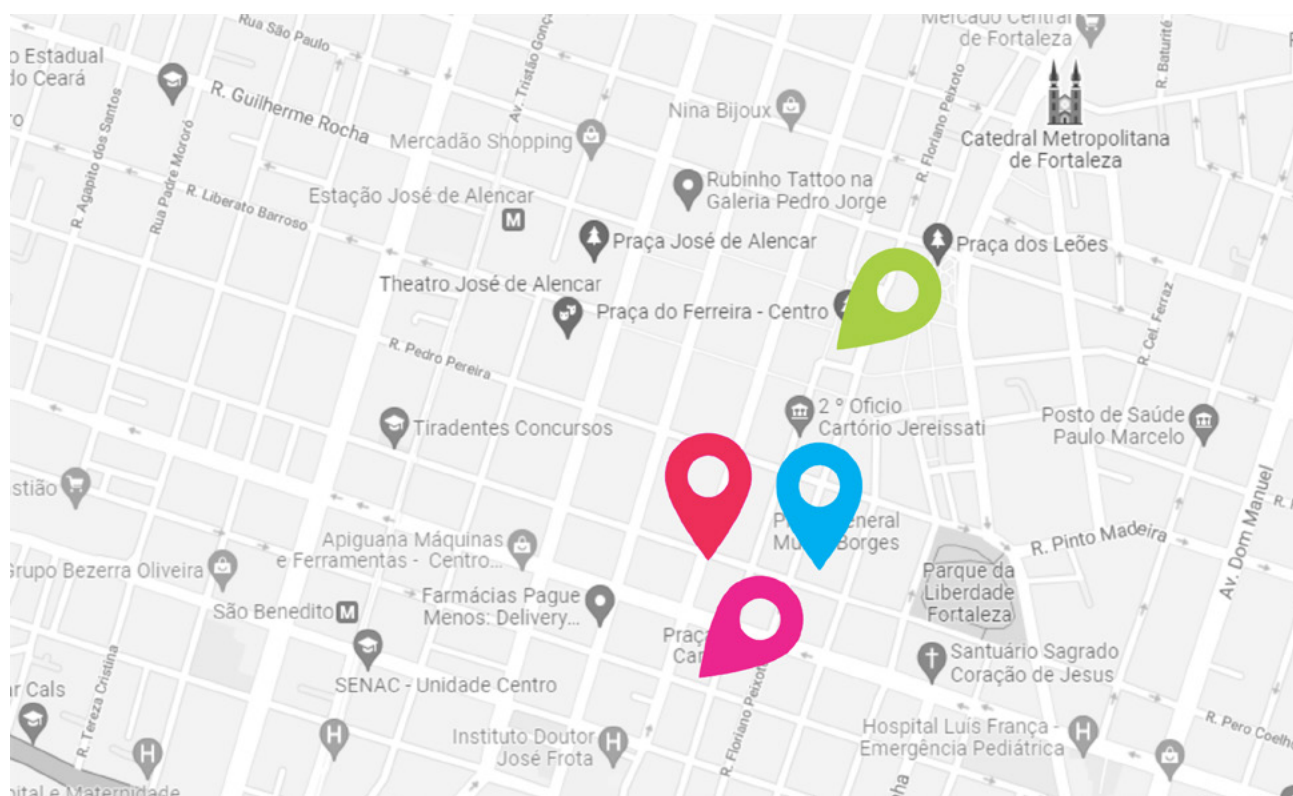


FIGURA 1: Mapa do trajeto no Centro

Fonte: Acervo de Pesquisa, 2021

Ao seguir entre bancas, notamos que elas instauram “possibilidades de se interromper o fluxo contínuo”, como observara Fonseca (2008, p. 125) ao refletir sobre o hipercentro de Belo Horizonte e apontar as possibilidades que se elaboram com a pausa no percurso, com o hiato no trajeto que se produz ao se relacionar com a banca e com os itens dispostos ao consumo. De outra forma, sob as lógicas e sociabilidades que embalam as ruas do centro de Fortaleza, as interrupções ao fluxo adquirem qualidades distintas que são sensíveis quando por elas caminhamos.

Com os saberes dos percursos, consideramos que as bancas enredam-se como convites a suspender o movimento transeunte e, a partir dos elementos dispostos ao consumo, experienciar um hiato no fluxo antevisto. Estes convites, laboriosamente ofertados em sensibilidades que ornaram a ambiência de uma banca, fazem das estruturas da banca uma construção particular. Ao

estudar a disposição das bancas no Reino Unido, a pesquisadora Mehita Iqani (2012) nos chama atenção ao aspecto mutável das prateleiras e das vitrines pensando-as como um “espetáculo semiótico” que confere vivacidade às bancas a partir da adaptabilidade de suas estruturas em que a disposição de diferentes elementos se orienta ao outro a fim de envolvê-los e, com eles, estabelecer uma cultura de consumo particular às bancas e que as torna singulares em cada contexto histórico e em cada lugar.

Tal apontamento, embora importante, não pode ser tomado como uma resposta simplificadora que admita, com a esquematização visual das bancas, um possível apaziguamento sobre as culturas de consumo que se dão nesses locais. Por outro viés, a partir das variadas jornadas – e de nossas próprias deambulações – pensamos que diferentes culturas de consumo se nutrem a partir das qualidades de relação com as bancas, com os espaços e com o que neles se oferta. Dialogamos, pois, com os escritos de Janice Caiafa (2009, 2008) ao considerar que espaços urbanos se tensionam por diferentes processos de consumo que já não se determinam por uma localização, como bancas ou metrô, mas que se articulam e se inscrevem a partir das sociabilidades constituídas ao integrarmos esses pontos passageiros em nossas lidas cotidianas.

Sem intenção de enrijecer uma cultura de consumo marcada pela interrupção do fluxo de pedestres, nos interessa pensar, aqui, as ancoragens que fazem das bancas um ponto atrativo para produção de hiatos no percurso urbano; ao passo em que ela mesma é atraída pelas tensões espaço-temporais do contexto em que está inserida. Isto é, ao constituir vínculos com o entorno, as bancas estabelecem dinâmicas de consumo que as firmam como pontos de ancoragem de pessoas, de coisas e de práticas sociais; ao passo em que também estão ancoradas em um dado espaço e nas relações que a permeiam. Ancorar é, nestes escritos, uma ação de adesões e de rupturas a partir dos convites à interrupção ao fluxo dos percursos urbanos, configurando outro ritmo de presença. Assim, pensamos a ancoragem como uma pausa momentânea, capaz de criar vínculos e de mobilizar culturas de consumo entre os espaços e as pessoas que passam – e, às vezes, param.

NOTAS DAS DEAMBULAÇÕES E DAS ANCORAGENS

Antes de iniciar o percurso, ainda no dia de Finados, nota-se pela janela do carro que uma das bancas da Praça do Carmo estava aberta enquanto anoitecia. Fortaleza é uma cidade de centro urbano vazio em períodos não-comerciais e aquela imagem contrastava com o silêncio e

as lacunas das avenidas que rodeiam a Igreja. Senti que ali poderia residir uma boa história e esta banca tornou-se a primeira ancoragem para caminhar no centro.

O convite a realizar uma pausa – por vezes, imprevista – no fluxo das vias urbanas posiciona as bancas como um ponto de ancoragem – ainda que fugaz – onde é possível nos instalarmos estabelecendo conexões com o entorno em que ela está inserida. As ancoragens constituem pausas, intervalos e hiatos que, conforme Muniz Sodré (2017), podem ser entendidas como dimensões temporais de abertura para uma outra temporalidade no cotidiano que não a da pressa neoliberal, capitalista e produtivista. Assim, as interações e os vínculos decorrentes de uma ancoragem fundamentam catástrofes diante de um tempo estável que se propõe homogêneo e linear. Nas fissuras de temporalidades que coabitam a vida das ruas, as ancoragens firmam-se como uma experiência intervalar em que outros ritmos de movimentos com o tempo são estabelecidos.

Aquela banca, aberta em meio ao feriado, ancorou-se em minha experiência como referência para iniciar a caminhada. Dois dias depois, regressei ao local pela manhã. O sol era levinho e a brisa do mar balançava as folhas das árvores frondosas que cercam a Igreja do Carmo (pino rosa no mapa da Figura 1). No entorno da Igreja, encontrei dezenas de táxis e moto-taxis a espera de chamados e 6 bancas de metais que, antes, vendiam jornais. Reduto de leitura, as bancas são parte de uma paisagem que dialoga com o Instituto do Ceará, fundado em 1887, com as sedes robustas do Colégio Ari de Sá e com a principal sede do Banco do Brasil na capital.

Vir às bancas, tomando-as como pontos de referência para refletir com os elementos que ali se entramam e que constituem ambiências comunicacionais, trata-se de um gesto para ver as cidades em movimentos que se ancoram nas tensões espaço-temporais que constituem o lugar. A Praça do Carmo e as bancas ali dispostas são expressões das instabilidades que se remodelam em meio aos fluxos praticados por agentes com o espaço e, para tomar notas das negociações ali ancoradas, é preciso também ancorar-se em comunicações para perceber os outros que, ali articulados, confluem vida e particularidade a cada banca. O que se vende nesta Praça, majoritariamente, são apostilas de concurso. Não demorou muito para constatar este enredamento: três das seis bancas ali dispostas vendiam exclusivamente materiais preparatórios e, dado que estavam fechadas, optei por priorizar ancoragens nas bancas que estavam abertas.

Ler naquela praça já foi sinônimo de boêmia, me explica o Sr. Zé Maria, que é proprietário e atendente da Banca que leva seu nome desde 1964. Cercado de amigos na frente da Banca, o que nos faz pensar sobre a qualidade das relações de ancoragem que as bancas podem oferecer, ele diz sentir a cidade ao longo dos anos através da procura de títulos e, nisto, lembra-se da busca por literaturas nos anos 80, da disputa entre versões do O Povo e do Diário do Nordeste nos anos 90 - bem como os perfis das pessoas que adquiriam cada jornal. Conta, ainda, que as

revistas e os livros de literatura se acumulam e é possível ver os mais velhos pendurados numa corda na porta de entrada da banca (Figura 2).



FIGURA 2: Banca do Zé Maria
Foto: Daniel Macêdo, 2021

Vizinho ao Seu Zé Maria estava a banca da Yasmin. Visivelmente cansada, ela me contou que seus salgados saem mais que os títulos e reforçou a importância da venda de apostilas para manutenção do empreendimento. As apostilas ocupam lugar de centralidade, dispostas em uma mesa próxima a livros e revistas marcados pelo tempo de exposição nas vitrines (Figura 3). O espanto veio quando ela afirmou, em tom jocoso: “sou a pessoa mais desimportante dessa praça. Quem importa aqui é o Sobral”.



FIGURA 3: Banca da Yasmin

Foto: Daniel Macêdo, 2021

O percurso realizado até aqui se deu em constantes interrupções ao ancorar-me nas bancas, estabelecendo trocas com os vendedores, interações com outros consumidores e leituras das textualidades que integram a espacialidade. Ao parar e consumir algo disposto nas prateleiras, não somos os únicos que ali se ancoram: dos produtos dispostos – por vezes há muito tempo em exposição e sem expectativas de comercialização, como revistas já velhas e amareladas – aos consumidores e transeuntes, as bancas ressoam como pontos de ancoragens ao possibilitar partilhas simbólicas entre pessoas e coisas, de modo que cada relação nela constituída configura uma ancoragem que, entramadas com outras, conformam identidade e particularidade a cada banca. A banca do Zé Maria, por exemplo, ancora obras literárias nacionais e relações entre velhos amigos e configura-se como um espaço de sociabilidade para um público de idosos que ali se ancoram com regularidade. Já a da Yasmin pode ancorar pessoas que querem fazer um lanche rápido na rua, por exemplo. E ambas, assim como as demais da Praça do Carmo, ancoram, de modos diferentes, relações com pessoas que desejam estudar para concursos públicos.

Estas relações de ancoragem, configuradas em meio às instabilidades que engendram a Praça do Carmo, são, em diálogo com Milton Santos (2001, p. 110), expressões de horizontalidades que (des)ordenam e que (re)modelam as espacialidades a partir de heterogeneidades constituintes e incontroláveis. Cada banca, como agente na espacialidade, tece pontes com as ruas, as pessoas e com os itens que ali se ancoram e, nisto, torna-se um

locus em potência para tomar notas das relações horizontais partilhadas que a constituem e que a configuram. Não são, portanto, passivas e dispostas como um produto do fluxo urbano. Afinal, a ela se integra e nela se dão aberturas indiciárias para promoção de ancoragens – podendo, inclusive, modifica-la: elas praticam curadorias de itens a serem expostos e escondidos, convidam e repelem dados perfis à interação, reforçam e rompem com lógicas de sociabilidades e com imaginários sobre um dado lugar.

Para Andrade et al (2023), a produção de ambiências das bancas vêm de sua capacidade de se relacionarem com e nos ambientes, transmutando-os e por eles sendo transformadas. Por sua inscrição espacial na cidade e sua vizinhança, as bancas podem oferecer certos produtos e serviços – como é o caso das apostilas na Praça do Carmo – ao mesmo tempo que suas ofertas comerciais ajudam a produzir relações de ancoragem em seu entorno, configurando assim uma relação de co-produção de ambiência na cidade.

Ainda nesta Praça, encontrei duas bancas vizinhas: uma pequena e outra maior estilizada com faixas. Recorri primeiro a menor, ali me ancorei e fui atendido por Cláudia. Nela encontrei materiais diversos entre salgadinhos industrializados, popularmente chamados de 'xilitos', adesivos, apostilas, capas de celular, sequilhos de coco e uma vasta variedade de revistas. Cláudia, de imediato, me contou que não tinha muito o que falar porque trabalhava ali há pouco tempo e orientou perguntar na banca maior. Ela explicou que a pequena era um puxadinho da outra e que, juntas, eram a Banca do Sobral (Figura 4).



FIGURA 4: Banca do Sobral

Foto: Daniel Macêdo, 2021

Tratava-se da banca que, dias antes, fora avistada pela janela do carro em pleno funcionamento durante o feriado. Ela exibe, com orgulho, uma faixa pela qual afirma ser a primeira banca com venda de apostilas e pela qual reivindica um lugar de primazia. Percebia-me em um verdadeiro 'shopping de impressos', não se restringindo à matéria dos concursos. O ar-condicionado dedicado as revistas meticulosamente catalogadas por seus inúmeros temas – de manuais profissionais a sessão infantil – em prateleiras de acrílico nos transportam a outro universo bastante distinto em comparação com as demais onde ancoragens foram possíveis

naquela mesma Praça. Esta foi a única banca possível de passear em meio a galeria de dois corredores que, exibidos com tranquilidade, encontram-se sessões destinadas a pornografia com dedicação a obras que incluem dispositivos de audiovisual em VHS e em DVD.

“Menino, aqui tem história”, riu o atendente ao referir-se dubiamente aos anos de existência da banca e ao conteúdo comercializado. No entanto, não sabia informar o ano de início das atividades do empreendimento. O atendente não quis ser identificado e expôs que a melhor pessoa para contar sobre bancas na cidade era o próprio Sobral que, por acaso, não estava na banca naquele dia por complicações de saúde. Sem titubear, foi incisivo ao criticar a “internet” como responsável pela “morte do jornal”, tanto quanto para defender que a banca conseguiu adaptar-se bem às mudanças com o comércio de materiais preparatórios para concursos públicos.

No jogo vendável de palavras, o atendente publicizava que ali eu encontraria títulos únicos e indisponíveis nas outras bancas do Centro e me mostrou que eu poderia comprar jornais diários – ainda que eles fossem pouco vendidos. Foi curioso notar a exposição das edições dos jornais *O Povo* e *O Estado* no suporte metálico do *Diário do Nordeste* – este último já sem circulação impressa desde fevereiro de 2021 – e que o primeiro, arrochado em fitas e já amarelado pela exposição, exibia uma tarja que dizia “Promoção - de R\$ 22,00 por R\$ 2,00” na compra do monte de papel para uso de animais domésticos.

Se é verdade que as bancas ancoram vínculos de horizontalidades, é justo notar que elas também estão ancoradas em espacialidades que as referenciam. Pouca importância tem o nome das bancas na Praça do Carmo para um consumidor desavisado que, em primeira viagem, percorre o centro em busca de materiais preparatórios e se referencia no lugar e na conhecida oferta destes produtos ali disponíveis para ancorar-se e tecer caminhos imprevistos de consumo. Contudo, ao deambular no entorno da Igreja, os convites de ancoragens promovidos por cada banca as diferencia e permite interações deveras imprecisas. Assim, as relações constituídas por uma banca são duais: ao passo em que está ancorada em um espaço complexo com lógicas particulares de sociabilidades, com tradições específicas e com imaginários que a dinamizam; ela também ancora pessoas, produtos e práticas que a conferem particularidade.

A pressão simbólica da ‘Praça das apostilas’ não sucumbe a vida em potência de cada banca em razão das ancoragens e dos movimentos que ali ocorrem. Milton Santos (2001, p. 30) já nos advertira que um sistema de forças “pode levar a pensar que o mundo se encaminha para algo como uma homogeneização” e, nisto, é relevante notar que demarcações simplificadoras sobre espacialidades ancoram em imaginários ao regular um tipo de consumo especializado que estas devem – ou espera-se que devam – ofertar. Porém, a agência das bancas e a instabilidade das ancoragens exercidas desmantelam unificações e produzem experiências distintas em cada uma delas. Isto porque, como agentes, as bancas se ancoram de modos peculiares na espacialidade

exercendo, assim, relações horizontais de negociação e de intervenção com outros agentes que ali se entramam.

Pesar estas relações duais, reconhecendo as bancas como pontos de ancoragem enquanto elas, em si, estão ancoradas; é considerá-las como agentes em relações copartícipes nas dinâmicas urbanas: elas tensionam práticas sociais e os imaginários sobre os espaços em que estão inseridas, enquanto é por estes tensionadas a adaptar-se e a (re)fazer-se de outros modos. E essa relação mútua e dual de adaptação entre agente e ambiente pode ser pensada a em diálogo com Christine Greiner (2005) que nos chama atenção ao modo como construímos nossos mundos na relação com o espaço em que vivemos. Assim, são nas relações que podemos tensionar as bancas como locações que atuam de maneira viva, construindo e sendo construídas, pelo seu ambiente e pela cidade que a rodeia. A horizontalidade desta dualidade e que permite posicionar as bancas como constituintes e constituídas pela efervescência das espacialidades é, em diálogo com Milton Santos (2001), abertura em potência para desestabilizar homogeneizações e um chamado para visualizar as mobilidades e as agências que instauram e confluem ancoragens, criando relações singulares e não totalizantes entre pessoas, bancas, ruas, praças, bairros e cidades.

Por isso, é justo mirar as bancas como ancoragens das disputas simbólicas e dos tensionamentos que ali ocorrem. Uma banca configura-se como uma ambiência comunicacional deixando ver os acirramentos que a condicionam (sobre)vida, como podemos notar no conjunto de bancas da Praça do Carmo onde a adaptação das bancas configuram modos diferentes pelos quais os empreendimentos se ancoram na espacialidade e, com isso, permitem ancoragens particulares a consumidores e produtos. Ao combinar ancoragens, as bancas se inserem na disputa de nichos de comércio e tensionam relações na mesma espacialidade. Ali, na Praça comum em que as bancas coabitam, elas se diferenciam em ancoragens que mobilizam sociabilidades e culturas de consumo distintas.

Dali, segui um percurso impreciso no Centro sem ter muitas certezas do caminho e disposto a chegar, como ponto final, na Praça do Ferreira. Entrei pela Rua Barão do Rio Branco e, uma quadra a frente, me ancorei na Banca de Revistas e Cigarros do Herivaldo (Figura 5) (pino vermelho na Figura 1). Informado na parte alta, a banca atua na esquina com a Rua D. Pedro I desde 1978. Ali já foi a sede de atendimento ao cliente da Companhia Elétrica do Ceará - Coelce e, após a privatização, segue funcionando com este teor para empresa italiana Enel. Herivaldo conta com orgulho para dizer que se mantém 'firme e forte' vendendo, principalmente, impressos e me diz que não tem mais edições da Veja porque é a que 'mais sai'. Cordéis, obras literárias e

sobretudo revistas ilustram o acervo. Jornais ali não existem, pois Herivaldo entende que eles ‘morreram’ e que já não cabem em seu comércio.



FIGURA 5: Banca de Revistas e Cigarros do Herivaldo
Foto: Daniel Macêdo, 2021

Doces e cigarros são exibidos com atenção na banca do Herivaldo, em detrimento dos DVDs pornográficos e dos carrinhos para colecionadores ali disponíveis e escondidos na quina esquerda, na parte inferior e atrás de uma pilha de livros. Os contextos que (des)amparam uma banca são mutáveis, variáveis e constituem complexas instabilidades temporais se considerarmos as reflexões de Bruno Leal e de Carlos Alberto de Carvalho (2017) que identificam os contextos como dinâmicas em (re)arranjos que rompem com imobilidades. Não são, portanto, determinantes: por um lado, as relações que instabilizam contextos atravessam as bancas e as ancoram; por outro, as bancas possuem agência em meio aos fluxos urbanos e tensionam os modos de ancoragem. A Rua D. Pedro I é conhecida pelo varejo de papelaria e de material escolar e, por exemplo, é uma escolha de Herivaldo realizar a venda dos produtos listados e manter o título ‘revistas e cigarros’ ainda que comercialize outros itens – sobretudo se considerarmos que este chamado orienta um público a ali ancorar-se e que o cenário do comércio local oportunize outros tipos de abordagem.

Ao seguir a caminhada, encontrar a Tradição (Figura 6) foi um impulso intuitivo ao considerar que algo do gênero poderia existir na Praça da Justiça Federal (pino azul na Figura 1), alocada dois quarteirões a frente, seguindo pela Rua D. Pedro I. A Banca Tradição é, antes do nome de registro, conhecida como banca 'do Tribunal' e esta relação de codependência ancora os modos de existir daquele empreendimento e as ancoragens ali possíveis. Trata-se de uma praça sinestésica do Centro de Fortaleza diante da variedade de coisas que ornamentam a espacialidade: uma das sedes do Centro Cultural do Banco do Nordeste, estacionamentos, farmácias, restaurantes, lojas e o Cine Betão – um dos cinemas-pornô da capital. A Tradição está posicionada diante de um chafariz esverdeado pelo tempo e que fora um presente de Portugal à cidade de Fortaleza. Lá encontrei Glauber e ele não estava muito disposto a conversar, mas viu-se intrigado a falar quando questionado sobre vender máscaras de proteção do time de Fortaleza e evitar dos demais clubes da cidade. O jovem argumentou o fim do mercado de impressos e disse que a família leva a vida como pode, oportunizando o espaço para vender as coisas 'possíveis'. As prateleiras – um tanto vazias – dispunham bonés, xilitos, apostilas e, majoritariamente, perfumes. Quando questionado sobre este último, ele riu e disse: “o que você quiser eu vendo aqui”. A única revista que encontrei na banca, chama-se *Dinheiro Rural* e tinha na capa um homem sobre um cavalo que, retirado o título, poderia ser uma revista pornô.



FIGURA 6: Banca Tradição
Foto: Daniel Macêdo, 2021

Apesar de próximas no perímetro urbano, as (in)conformações das espacialidades e o frenesi da cidade faz com que as bancas do Herivaldo e a Tradição sejam distintas em razão das adesões e das recusas praticadas ao se ancorarem nestas vias de passagem. Uma intervenção “consciente” dos atores no espaço é possível, retomando Milton Santos (2001, p. 80), a partir de aberturas epistêmicas para aprender com as integrações, com as trocas simbólicas ou, nos termos destes escritos, em ancoragens. Se, nas deambulações, tomamos notas a partir de percursos e de atos de ancoragens em bancas; é justo observar que tais empreendimentos, ao se ancorarem nas ruas e nas praças, também leem as textualidades movediças da cidade e praticam agências para dela participarem e nela permanecerem.

A agência das bancas não é, pois, um dado autômato; mas conflui esforços de adaptação frente a um mercado em transformação – no caso, o de impressos – e as mutabilidades que são inerentes ao espaço urbano. A adaptação das bancas ao contexto que as atravessa é, assim, um gesto de ancoragem num dado lugar e num dado momento histórico e social. Ela é uma expressão das relações que enovelam as bancas em meio às negociações com outros agentes que com ela interagem.

Segui pela Rua Floriano Peixoto, uma das vias de acesso à Praça da Justiça, até encontrar a Praça do Ferreira (pino verde na Figura 1): o coração da velha Fortaleza. O entorno da Praça é composto por lojas em prédios históricos, pelo Cine São Luiz e pela Pastelaria do Leão do Sul. A Praça do Ferreira abriga o Cajueiro Botador, já foi pasto do Bode Ioiô e é um dos principais espaços de ocupação por pessoas em situação de rua. No Centro da Praça está a Coluna da Hora e, ancoradas nos bancos, pessoas de todos os cantos do Ceará dispostas a conversar e a contar histórias e lorotas. A Praça do Ferreira é o cartão postal da ‘mulecagem’ e da erudição alencarina, do Siará mambembe que se faz no coral de anjinhos nas janelas do antigo Hotel Elxcelsior durante as comemorações natalinas e das trovas dos artistas de rua que ocupam a praça no restante do ano. Ali, palco de contradições, avista-se do centro da praça as bancas ancoradas em cada quina daquela arena.

A primeira, no sentido da rua de onde venho, é a Banca do Maciel (Figura 7). Desde o falecimento do homem que a nomeia, quem cuida dos negócios é Dona Zilmar e, ao lado da filha, mantém as portas abertas para manter viva a memória sobre o marido. “Daqui veio a educação dos meus filhos, os almoços de domingo... veio tudo o que tenho e o que eu sou está aqui”, diz Dona Zilmar enquanto organiza revistas na prateleira.



FIGURA 7: Banca de Revistas O Maciel

Foto: Daniel Macêdo, 2021

Os compradores de jornais e revistas são “velhos como eu”, ao argumentar que a ‘informática’ promoveu o fim do seu mundo e que o ‘hábito de ler folhas’ é algo precioso da geração a que pertence. O item mais vendido é a *Revista Veja*, sobretudo em capas “bombásticas e que assuntam a Praça” porque ela é feita com “qualidade”, explica Dona Zilmar enquanto corria para pegar uma edição impressa e, em seguida, folhear me mostrando as manchetes.

Ali também é possível comprar máscaras de proteção, café, xilitos, doces e itens religiosos que, curiosamente, estão dispostos ao lado de cigarros e miniaturas de pokemons. Apostilas não eram tão visíveis e os jornais, ainda que exibidos, “dá em nada”, afirma. O que dá em alguma coisa, no fim das contas de Dona Zilmar, é vender chip e fazer recarga em celular. Não pude deixar de notar, ancorada em ponto de pouca visualização nas prateleiras superiores, uma publicação chamada ‘Lulopetismo’ ao lado de um livro do Sindicato de Professores - APEOC. Também me chamou a atenção o livro ‘Noites Brancas’ de Dostoiévski e a quantidade excessiva de impressões católicas.

Na Praça do Ferreira, assim como na Praça do Carmo, as relações horizontais constituídas em meio a arena pública são decisivas nas ancoragens que conformam as bancas – inclusive, a Banca do Maciel. Atendendo ao chamado de Milton Santos (2001, p. 104) para visualizar as

verticalidades que, articuladas ao plano local e aos fluxos horizontais, conferem outras dinâmicas ocorridas no plano macro com menor poder de agência dos atores – sem, no entanto, volver-se em inação; partilho que neste último espaço as ancoragens verticais das bancas são mais visíveis e sensíveis.

Por um lado, as estruturas idênticas de alvenaria deixam ver a regulação municipal que impede mudanças na ornamentação dos quiosques que integram o patrimônio material da Praça do Ferreira. Esta é uma ancoragem vertical, pois independe do desejo de quem arrenda os estabelecimentos e a esta premissa deve aderir sob pena de encerramento das atividades comerciais naquele lugar. Ainda que não possua uma legislação municipal que regule a atividade comercial das bancas de jornais – diferente de muitas das cidades envolvidas nesta pesquisa (MACÊDO et al, 2023) – essa Praça possui demarcações históricas que impossibilitam a mudança das estruturas onde elas funcionam, mantendo o ideal de um mercado impresso que sobrevive nas memórias.

Verticalidades são marcadas, para Milton Santos (2001, p. 127), em “homogeneização empobrecedora e limitada” que visa cercear atuações e minar a potência do cotidiano que, por sua vez, “é o mundo da heterogeneidade criadora”. Não por acaso, as relações horizontais ali praticadas instabilizam, tensionam e, por vezes, deslocam os arranjos previstos nas regulações como condição de (sobre)vida.

Do outro lado da praça, em paralelo a Travessa Pará, quatro quiosques planejados para bancas estão dispostos. Ainda que as estruturas externas sejam idênticas, comportam vidas diferentes em razão das ancoragens particulares a que nos convidam. O primeiro tornou-se um ponto de venda de moedas antigas; o segundo abriga uma base fixa da Polícia Militar; o terceiro é a Banca Principal e o quarto é a Banca Ler é Viver. Em todos estes, nos entornos sombreados, moradores de rua e trabalhadores da coleta de recicláveis descansavam sob o sol de quase meio dia em finas camadas de papelão.

Na Banca Principal (Figura 8) encontrei Roberto, o proprietário do negócio adquirido há dois anos. Ele expõe que este tempo foi suficiente para entender que impressos “não vendem”. Os poucos títulos disponíveis são escondidos pela variedade de bebidas, de doces e de xilitos comercializada que, segundo ele, são mais lucrativos. Pouco me ancorei nesta banca e, rapidamente, pulei para a banca vizinha.

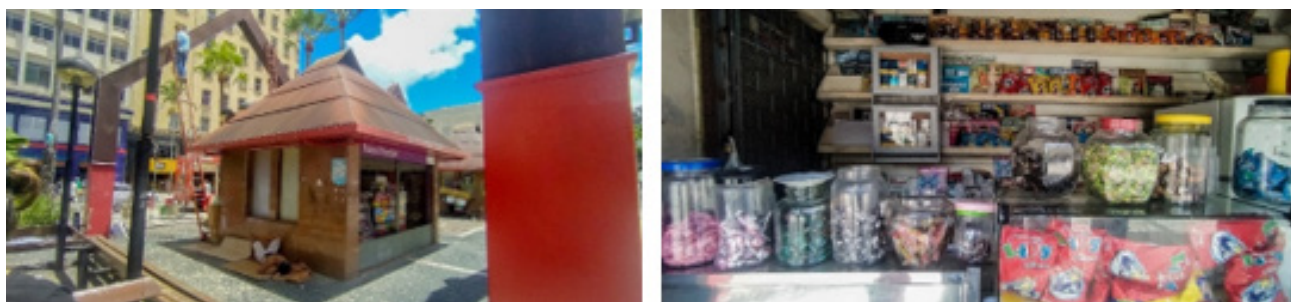


FIGURA 8: Banca Principal

Foto: Daniel Macêdo, 2021

Vanda foi quem me atendeu na Ler é Viver (Figura 10) e atua naquele ponto há quatro anos. Antes, vendia revistas nas imediações da Praça dos Leões e fez a vida em torno do comércio de impressos. Apesar do nome da banca, livros e revistas são escassos e não fazem parte do acervo principal. Ela, diferente de todos os demais, abriu o jogo e narrou facetas das disputas e das alianças entre bancas de revistas diante da hegemonia de uma empresa (não nomeada) de distribuição de publicações. Ela justificou que o ponto chave para abandonar a comercialização de revistas foi perceber que existiam bancas “privilegiadas” por receberem títulos que estavam em “alta” e em melhor qualidade de armazenamento, enquanto outras que sequer recebiam.

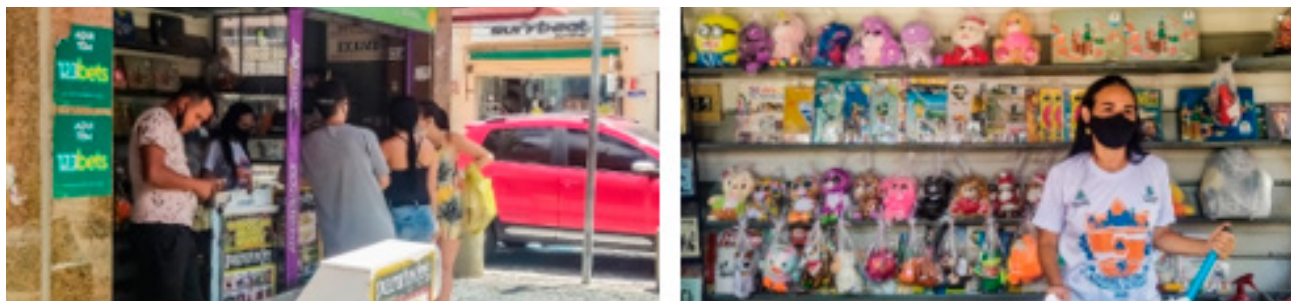


FIGURA 9: Banca Ler é Viver

Foto: Daniel Macêdo, 2021

Ainda que a distribuidora entregue os títulos e recolha os que não foram vendidos sem custos ao proprietário das bancas, Vanda explica que não vale a pena participar do circuito em razão da “desigualdade” que valoriza uns e diminui outros. Em meio a um mercado injusto, ela apostou em novos caminhos. Aqui encontramos ursos de pelúcia e álbuns colecionáveis de figurinhas. Este último é o trunfo de Vanda: ela oferece um serviço especializado pelo qual é possível: comprar figurinhas que faltam para preencher o álbum e adquirir o álbum preenchido. Na vitrine, coleções dos campeonatos mundiais e uma coleção especial do Flamengo, produzido pela Panini em capa dura e com todas as figurinhas organizadas, são expostas para que o comprador adquira o produto e o prazer da colagem. Com orgulho, contou que já atendeu clientes de outros Estados e mostrou uma lista de pedidos para completar álbuns.

As relações entre bancas e o mercado editorial deixam ver cisões mais amplas que configuram as disputas e as afirmações das particularidades e das adaptações de cada posto comercial. A decisão de Vanda em não mais vender impressos diz de uma ancoragem da banca Ler é Viver diante das tensões que engendram este mercado, enquanto a soberania de Sobral demarca as relações de poder que aproxima estas bancas e que as enreda como integrantes das disputas em torno do mercado editorial em Fortaleza – ainda que relativamente distantes geograficamente e que se orientem a públicos distintos.

Interessa, por um lado, notar que as ancoragens não se reduzem as dinâmicas horizontais e se articulam de modo complexo com as tensões das verticalidades em que estão inseridas em larga escala produzindo, assim, ancoragens com agentes que não são vistos em primeira ordem ou sob uma mirada “superficial” das bancas. Por outro, verticalidades e horizontalidades são composições separáveis apenas analiticamente. Afinal, é na tensão contínua entre estas dimensões que se inscrevem sociabilidades urbanas para Milton Santos (2001, p. 134).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São nas tensões entre as ancoragens exercidas por uma banca e as por ela propiciadas ao dispor-se como ancoradora que as ambiências comunicacionais são moduladas e ali se fazem deveras instáveis. Estas composições não se encerram no aparente em primeira mirada e ancoram tensões que se articulam no micro das relações, nas interações com transeuntes e nas negociações com as espacialidades; e que se enredam no macro, como as disputas do mercado editorial que as configura – seja nas adesões, seja nas rejeições.

As bancas nos convidam a ver as entramações complexas que, por vezes pacificadas, passam despercebidas. Nelas, diferentes relações, horizontais e verticais, articulam-se num jogo particular entre diferentes agentes – sendo ela mesma um agente que regula e media as negociações para constituir-se e para fazer-se constituinte do espaço urbano. É justo, pois, tomarmos as bancas como expressões dos jogos instáveis em que contextos e culturas de consumo se exercitam, em que ancoragens se dão enquanto performances tensionadas pelas relações horizontais e verticais que as fundamentam. A Banca Ler é Viver, por exemplo, firma-se em ancoragens horizontais ao combinar-se com as entramações da Praça do Ferreira e em ancoragens verticais ao contrapor-se com as empresas de distribuição e com as dinâmicas do mercado de impresso. Esta articulação maleável, combinada com a agência das bancas, permite-

as se oportunizarem como pontos de ancoragem constituindo relações que contribuem para as mobilidades urbanas. Isto é, quando a tomamos como ambiências comunicacionais a partir das discussões de Fonseca (2008, p. 7), reconhecemos que os “sentidos não são expressões das individualidades, mas produtos de interações comunicativas que vão conformando temporal e espacialmente o mundo, sentidos que constroem uma cidade instável, em constante mutação”.

A cada ancoragem praticada, as bancas são visíveis e sensíveis em sua diversidade de produtos – de apostilas para concursos a salgados, de revistas *Veja* a máscaras do time do Fortaleza, de cigarros a perfumes, de cordéis a pornografias, de álbuns de figurinhas a magazines – que extrapolam o reducionismo de sua designação aos ‘jornais’. Ainda que as regulações tipifiquem os produtos a ela possíveis, a adaptabilidade conferida por Chagas (2013) e por Leal e Macêdo (2013) nos chamam atenção às lógicas de (sobre)vivência destes espaços em meio a um processo complexo de rearranjo das cidades e do mercado editorial. Por isso, em cada item de consumo a figurar-se nas prateleiras e dispostos às ancoragens, é justo considerarmos os chamados que as bancas incitam como proposições de experiências localizadas no espaço-tempo que as conferem singularidades; ao passo em que se conectam a tensões do macro e partilham processos de adaptação que as aproxima, que as conectam em meio às contradições do Centro de Fortaleza e a mobilidades das dinâmicas de consumo.

Diferente de olhar uma banca como um dado estático, mirar as ancoragens é um gesto para vê-la como expressão das negociações ocorrentes no presente. Menos como um produto e mais como um processo, as bancas dão-se a ver como figurações dos movimentos que fazem da cidade uma arena em constante mutabilidade. Explicações únicas e homogeneizantes, neste sentido, reduzem o potencial de percepção sobre as tensões ali ocorridas e que são possíveis em meio a dinâmicas contextuais e localizadas em um dado lugar, sob uma dada lógica temporal que fundamentam culturas de consumo deveras situadas.

Não à toa, deambular pelo centro tornou-se nosso processo para saber com as bancas sobre a cidade. Como discutem Bruno Leal, Daniel Macêdo e Poliana Sales (2022), a deambulação constitui vias para saber sobre mundos em potência quando neles nos inserimos e, impregnados de impurezas, deixamos fluírem os afetos e as impressões que ali emergem. É caminhando e ancorando-se em bancas que, neste exercício, experienciamos um modo de saber sem intenções de produzir respostas exatas e dispostos a contribuir com perspectivas sobre mobilidades em transformação.

Ancorar, por fim, como expressão de um experimento teórico-metodológico não diz de imobilidades ou de engessamentos. Ao revés, propõe gestos de atenção diante dos meandros da vida das cidades enquanto nela vivemos, nela caminhamos. É com um olhar atento às impurezas das experiências das ancoragens que as bancas e as relações por/com ela nutridas podem sedimentar o lugar estável em favor das catástrofes cotidianas, desorganizando o que

outrora fora emblocado como um dado comum, como aponta o conjunto de contribuições no livro organizado por Macêdo *et al* (2013). Como ambiências comunicacionais, as bancas podem tornar aparentes as tensões, as disputas e as relações que as conformam e que as mobilizam se miradas com olhares que as desnaturalizem do que urge em primeira vista para, então, dar vazão aos movimentos que entramam experiências comunicacionais.

Notar as ancoragens que praticamos é, assim, um convite a tomar as bancas como elaborações heterogêneas em que exercemos relações singulares com o espaço-tempo quando nos permitimos a interromper o fluxo, a constituir outros ritmos em processos deambulatórios. Em meio a diversidade de agentes que percorrem entre as bancas, são nos rastros, nas passadas divagantes, nas adesões e nas recusas a interromper o fluxo urbano que uma mesma locação pode tornar-se difusa, pode abrigar distintos lugares a partir das perspectivas diversas que conferem heterogeneidades a partir dos envolvimento particulares com as bancas. Diante das bancas, por fim, encontramos cidades; assim como encontramos nossos movimentos para notá-las e para vivê-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, R. et al. A banca resiste, insiste, existe ou persiste? transformações, influências e produção de ambiências. In: MACÊDO, D. et al. *De banca em banca: percursos entre catástrofes cotidianas*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2023.

CAIAFA, Janice. Espaço, Comunicação e consumo no metrô do Rio de Janeiro. *Contracampo*. n. 20, 2009.

CAIAFA, Janice. Uso e consumo no metrô do Rio de Janeiro. *Revista Famecos*. v. 15, n. 35, 2008.

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CHAGAS, V. *EXTRA! EXTRA! Os jornaleiros e as bancas de jornais como espaço de disputas pelo controle da distribuição da imprensa e da economia política dos meios*. 2013. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Cpdoc, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2013.

FERNANDES, P. *As narrativas urbanas dos ambulantes de Belo Horizonte: textos de uma cidade habitada*. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FONSECA, C. *A cidade em comunicação: paisagens, conversas e derivas no centro de BH*. (Tese de Doutorado em Comunicação Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – Brasil, 2008.

GREINER, C. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.

INGOLD, T. O Dédalo e o Labirinto: Caminhar, Imaginar e Educar a Atenção. *Horizontes Antropológicos*, v. 21, n. 44, 2015.

LEAL, B; CARVALHO, C. Aproximações à instabilidade temporal do contexto. *Revista FAMECOS*, v. 24, n. 3, 2017.

LEAL, B; GOMES, I. Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do tempo. In: MAIA, J; BERTOL, R; VALLE, F; MANNA, N. (org.). *Catástrofes do tempo: historicidades dos processos comunicacionais*. Belo Horizonte: FAFICH/Selo PPGCom UFMG, 2020

LEAL, B; MACÊDO, D. “Dar fé” à catástrofe cotidiana: a multidimensionalidade dos acontecimentos. *E-Compós*, v. 26, 2024.

LEAL, B; MACÊDO, D. Bancas... de jornal? Mesmice e adaptação nas paisagens das cidades. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 46, 2023.

LEAL, B. MACÊDO, D; SALES, P. A pesquisa como deambulação: implicações epistêmicas e metodológicas. In: LEITE, A; LEAL, B; GHIZONI, L; DARWICH, R. (Org). *Inspirações metodológicas em contextos amazônicos*. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2022.

MACÊDO, D. et al. *De banca em banca: percursos entre catástrofes cotidianas*. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2023.

IQANI, M. *Consumer Culture and the Media: Magazines in the Public Eye*. London: Palgrae Macmillan, 2012.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SODRÉ, M. *Pensar Nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

[1] Contribuem para a realização da pesquisa as/os pesquisadoras/es Alexandre Gouveia, Bruno Leal, Felipe Borges, Felipe Gonzaga, Francielle de Souza, Igor Lage, Igor Luis, Letticia Gabriela, Luciana Amormino, Maurício Vieira Filho, Paulo Vitor Souza, Pedro Bernardo, Poliana Sales, Prussiana Fernandes, Tess Chamusca e Thiago Pimentel, além dos autores deste artigo.